



ORIENTE MÉDIO

EUA atacam o Irã após derrubada de helicóptero

Trump ordena bombardeios "proporcionais" depois de ofensiva contra aeronave Apache. Dois tripulantes foram resgatados na costa de Omã, no Estreito de Ormuz. Israel volta a lançar mísseis contra o sul do território libanês

» RODRIGO CRAVEIRO

Menos de 24 horas depois da derrubada de um helicóptero americano Apache no Estreito de Ormuz, as forças dos Estados Unidos retaliaram com "ataques proporcionais" contra o Irã. "As forças americanas começaram a lançar ataques em legítima defesa contra o Irã, às 17h de hoje (18h em Brasília), por ordem do comandante em chefe, em resposta à derrubada de um helicóptero Apache do Exército dos EUA. A missão é uma resposta proporcional à agressão injustificada do Irã", afirma o comunicado do Comando Central dos EUA na rede social X.

A agência semioficial de notícias iraniana Mehr relatou que moradores de Sirik Port — enclave portuário e centro logístico estratégico localizado na costa do Golfo Pérsico, no sul do Irã — e de vilarejos próximos escutaram "múltiplas explosões" durante a noite. Também foram ouvidos bombardeios em Bandar Abbas e em Qeshm, que fazem fronteira com o Estreito de Ormuz. Em outra frente, Israel voltou a atacar o sul do Líbano, em uma ofensiva contra o movimento fundamentalista xiita Hezbollah, aliado-chave do Irã.

Enquanto os EUA atacavam o Irã, Trump dava uma entrevista à emissora ABC News. "Acho importante respondermos. Eles derrubaram um helicóptero e estamos respondendo, enquanto nos falamos. Acredito que a resposta deveria ser muito forte, muito poderosa, e é exatamente isso que isto é", declarou. O presidente americano tinha sinalizado a possível retaliação, em publicação na própria plataforma Truth Social, horas antes. "Eu acabo de ser informado por nossas grandes Forças Armadas que, na noite passada, os iranianos derrubaram um de nossos altamente sofisticados helicópteros Apache, enquanto patrulhava o Estreito de Ormuz", escreveu o republicano. "Houve dois pilotos envolvidos, ambos estão seguros e ilesos. No entanto, os EUA devem, necessariamente, responder a este ataque."

Uma autoridade do governo americano informou ao site Axios que um drone iraniano Shahed atingiu o helicóptero. Os tripulantes do Apache foram resgatados às 19h30 de segunda-feira pelo horário local (20h30 em

Ahmad Gharabli/AFP



Morador de Jericó, em Israel, observa míssil iraniano parcialmente enterrado depois de cair perto da cidade

Kawant Haju/AFP



Destruição após bombardeio a prédio na cidade libanesa de Tiro

Brasília), após a aeronave ser abatida na costa do Omã. No domingo, o Irã voltou a disparar mísseis balísticos contra Israel, que retaliou em seguida com vários bombardeios. Ontem, as forças israelenses voltaram a realizar ataques aéreos contra o sul do Líbano.

Sem citar diretamente a derrubada do helicóptero, o ministro das Relações Exteriores iraniano, Abbas

Araghchi, exortou as forças estrangeiras a abandonarem o Estreito de Ormuz ou "estarão sob risco constante". "As forças estrangeiras próximas ao nosso território correm risco constante devido a erros humanos, acidentes ou por potencialmente serem apanhadas em fogo cruzado", escreveu na rede social X. "Para reduzir o risco, a melhor solução é que as

Jalaa Marey/AFP



Helicóptero Apache AH-64 pertencente à Força Aérea Israelense

forças estrangeiras se retirem, o mais rápido possível, de um ambiente que nunca será hospitaleiro a uma presença hostil", acrescentou. Segundo o chanceler do Irã, o seu país prefere "a linguagem da diplomacia", mas avisou: "Como os nossos corajosos guerreiros mostraram ao mundo, sabemos como falar outras línguas também".

Pouco antes da retaliação americana, Barbara Slavin, professora de relações internacionais da Universidade George Washington (em Washington D.C.) e pesquisadora sênior do instituto Stimson Center, tinha previsto uma ação militar limitada por parte de Trump. "Ele não quer um retorno a uma guerra em larga escala. O fato de nenhum americano

ter morrido deveria permitir que ele tomasse medidas proporcionais que não agravem a situação além do ponto em que se encontra", lembrou ao **Correio**. A especialista destaca que a aparente linha vermelha para os Estados Unidos é um eventual bombardeio a Beirute. "Os contínuos ataques ao sul do Líbano aparentemente não estão incluídos na definição de 'cessar-fogo' de Trump."

Eyal Zisser, vice-reitor da Universidade de Tel Aviv e professor de história do Oriente Médio, concorda com Barbara Slavin. "Trump está interessado em evitar uma escalada. Ele sabe que o Hezbollah não está disposto a aceitar um novo acordo. Por isso, alguns combates, de escala limitada, podem prosseguir no sul do Líbano. Não seria um problema, desde que Beirute fosse poupada", afirmou à reportagem.

Líbano

Mais cedo, Israel lançou um ataque aéreo contra a cidade costeira de Tiro, às margens do Mediterrâneo, depois de as Forças de Defesa de Israel (IDF) pedirem a retirada dos moradores. Segundo a agência oficial de notícias libanesa NNA, mais de uma dezena de localidades do sul do país também sofreram bombardeios. Pelo menos oito pessoas morreram e 35 ficaram feridas. Em el-Buss, cidade situada no mesmo distrito de Tiro, três civis foram mortos. Segundo autoridades libanesas, desde março, os bombardeios israelenses deixaram mais de 3.600 mortos e expulsaram 1 milhão de libaneses de suas casas.

Professor emérito do Departamento de Relações Internacionais da Escola de Ciência Política da Universidade de Haifa (Israel), Uri Bar Joseph disse ao **Correio** que o Estado judeu não tem condições de travar uma guerra prolongada sem ajuda americana. "Há mais de 50 aeronaves americanas de reabastecimento aéreo no Aeroporto Ben Gurion, essenciais para as operações israelenses de longo alcance, mas provavelmente não serão utilizadas. Mais importante ainda, os estoques de interceptores Arrow e David's Sling, usados contra mísseis iranianos de longo alcance, foram esgotados. Sem a participação dos EUA na defesa aérea, os danos dos ataques do Irã serão mais graves. Netanyahu não pode embarcar em outro grande conflito", explicou.

COLÔMBIA

Presidente sob investigação parlamentar

A pouco mais de 10 dias do segundo turno da eleição presidencial, a Câmara dos Deputados da Colômbia abriu duas investigações contra o presidente Gustavo Petro por suposta intervenção no processo, a partir de publicações em suas redes sociais. Por lei, o chefe de Estado não apenas está impedido de disputar um novo mandato, mas é igualmente vedado de interferir na disputa.

"Tendo em conta as publicações feitas nos dias 6, 7 e 8 de junho, na conta @petrogustavo, do presidente da República, relacionadas com suposta participação política, diante das eleições presidenciais, esta Comissão Legal de Investigação e Acusação se vê na obrigação legal de iniciar uma investigação disciplinar corresponsável", diz o ofício protocolado pela deputada opositora Gloria Elena Arizabaleta, autora de um dos pedidos acatados pela comissão.

Outra apresentação, apresentada ontem, pede que Petro seja

investigado pela mesma acusação, porém a partir de intervenções que fez em plataformas virtuais entre novembro de 2023 e outubro de 2025. A denúncia alega que o presidente, em 15 publicações, teria "gerado interferência no processo partidário e eleitoral". Além de opinar sobre a escolha do candidato à própria sucessão em seu partido, o Pacto Histórico, Petro teria "desqualificado decisões da Comissão Nacional Eleitoral (CNE). O pedido de investigação inclui discursos, entrevistas e outras manifestações públicas de Petro.

A ofensiva da oposição contra o presidente coincide com a queda de braço entre os candidatos à presidência em torno da realização de um debate pela TV antes da votação decisiva, no domingo 21 de junho. Favorito nas pesquisas para o primeiro turno, o senador governista Iván Cepeda, do esquerdista

Esteban Vega La-Rota/AFP



Campanha nas ruas de Bogotá: país polarizado entre esquerda e direita

Pacto Histórico, saiu das urnas em segundo lugar, com 40,9% dos votos, atrás do ultradireitista Abelardo de la Espriella, um

advogado sem experiência política, que obteve 43,7% das preferências.

Ainda na noite da votação,

Cepeda desafiou o adversário a debater, embora tivesse ele próprio se recusado a participar de um confronto público na primeira fase da disputa. De la Espriella, que recebeu o apoio explícito do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, condicionou sua participação à presença, no debate, dos candidatos a vice — José Manuel Restrepo, em sua chapa, e Aída Quilcué, na dupla da esquerda. O candidato governista rejeitou a proposta.

"Em todas as democracias do mundo, e assim foi na Colômbia, historicamente, os debates foram travados entre os candidatos à presidência", argumentou Cepeda, em postagem na rede X. "São encontros cara a cara entre quem se apresenta para conduzir os destinos da nação e responder aos cidadãos sobre suas ideias, suas propostas e suas decisões." Antes, o desafiante da ultradireita havia defendido que

fossem ao debate "os quatro, para que se façam perguntas a nós, que disputamos a presidência, e aos nossos vices, pois o que é igualdade não representa vantagem para ninguém".

A equipe do candidato esquerdista propôs inicialmente a realização de três debates, nas emissoras Caracol, RCN e RTTV. O campo opositor mencionou como organizadora do encontro a revista *Semana*. Até ontem, os assessores dos dois lados não tinham se sentado para discutir uma fórmula que possibilite aos eleitores assistir a um confronto direto entre os candidatos, em meio a uma campanha polarizada e radicalizada, conduzida com o pano de fundo da mais grave escalada de violência política desde o acordo de paz que resultou na desmobilização das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), principal guerrilha de esquerda, ativa desde 1964.